

Guilherme Figueiredo

CMP 1.2.2.179

Milton Segurado

Além de ser um dos maiores cam-pineiros vivos é o maior dramaturgo nacional, comparável a Antonio José, a Martins Pena, pelo equilíbrio e continuidade da obra teatral. E realmente o único nome ligando o nosso teatro ao "milagre grego". Joraci Camargo é uma mentira socialista, quero dizer, usa de um socialismo muito bem-arrumado, ao lado de Guilherme — que é uma mentira pagã. Aquele "Amém" ao final de um dos atos de "A Raposa e as Uvas" fere-nos tal a seta de Zenon, que verdadeiramente se move. Sua intuição bergsoniana o arrasta sempre para a antiguidade clássica. Não só como dramaturgo, mas também como contista. Tendo a Civilização Brasileira publicado uma antologia de contos, sobre os "Dez Mandamentos", cabendo um mandamento a cada escritor, Figueiredo situou o seu na Grécia. No poeta, eis que aponta o cristão: "Provai-me o

vosso Verbo no meu verso". Poeta de "Um violino toca na sombra" e "Ração de abandono", como os gregos colocam a culinária às alturas da cerâmica, pelo menos, senão acima: "Comidas, meus santos!" Romancista de "Trinta anos sem paisagem" e "Paris — Rua Tilsit", contista de "Rondinela" e "S. Nicolau para gente grande", cronista imaginoso e versátil de "A Pluma e o Vento".

Neste livro publica versos satíricos de sua tia-avó Alexandrina Silva Couto dos Santos, a primeira poetisa brasileira escatológica, cuja paródia de "Os Lusíadas" — "O Episódio das Baronesas" — já lêramos em "Campinas, seu berço e juventude" do historiador Celso Maria de Melo Pupo. Preterido pela Brasileira, vai agora ocupar, na Academia Francesa, a cadeira reservada para um sócio correspondente do Brasil!

"Correio Popular" 27-VI-1982